

“E FORAM FELIZES PARA SEMPRE”: NOTAS SOBRE HOMENS
NEGROS EM *DOIS AMORES*, DE PAULO LINS

“AND THEY LIVED HAPPILY EVER AFTER”: NOTES ON BLACK
MEN IN *DOIS AMORES*, BY PAULO LINS

Thiago Martins Rodrigues (UFRGS)

thiagomartinsr2@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4137-3017>

RESUMO: *O presente trabalho tem como objetivo analisar, na perspectiva dos debates sobre masculinidades negras, as trajetórias dos personagens da novela Dois amores, de Paulo Lins (2019). A partir dessas discussões contemporâneas, que voltam suas atenções para constituição da identidade dos homens negros em meio a uma realidade colonizada, a hipótese aventada é que a sociabilização dos protagonistas da obra, Lulu e Dudu, opera dentro de um espectro colonial opressivo que os leva à interiorização de ideais de amor, de beleza e de consumo pautados por uma masculinidade hegemônica e que se torna violenta diante dos diversos entraves sociais colocados para jovens negros periféricos.*

PALAVRAS-CHAVE: *raça; gênero; literatura negro-brasileira; masculinidades negras; Paulo Lins.*

ABSTRACT: *The present work aims to analyze, from the perspective of debates on black masculinities, the trajectories of the characters in the novel Dois Amores, by Paulo Lins (2019). From these contemporary discussions, which turn their attention to the constitution of the identity of black men in the midst of a colonized reality, the hypothesis put forward is that the socialization of the protagonists of the work, Lulu and Dudu, operates within an oppressive colonial spectrum that takes them to the internalization of ideals of love, beauty and consumption guided by a hegemonic masculinity that becomes violent in the face of the various social barriers placed for young black people on the periphery.*

KEYWORDS: *breed; genre; black-Brazilian literature; black masculinities; Paulo Lins.*

1 Introdução

Os debates fundamentais sobre a constituição das identidades e os distintos marcadores sociais de diferença que compõem, de maneira interseccional, o arranjo das sociedades contemporâneas chegou, talvez, a um dos seus estágios de maior impacto no debate público até este momento do século XXI. Em uma trajetória que pode ser remontada à segunda metade do século XX, pôs-se a nu, de maneira incontestável, os efeitos da colonialidade e, por consequência, o cenário de desigualdades e violações a que estão expostos determinados grupos sociais, como é o caso da população negra brasileira.

Nesse contexto, se forjam e redimensionam, no meio acadêmico, proposições e conceitos que se espera que sejam capazes de esmiuçar os meandros desse complexo processo social. Como traço principal desse cenário, as intelectuais feministas negras têm sido ponta de lança na tarefa de construir um pensamento contra-hegemônico, alinhado a uma ampla perspectiva de emancipação coletiva, calcado nos recortes de gênero, raça e classe.

Sob esta ótica, o debate acerca da constituição identitária dos homens negros ganha espaço, considerando-se a necessidade de aprofundar a reflexão sobre a desigualdade de gênero e os efeitos dela interseccionada com o racismo e com a dominação econômica. As discussões em torno do lugar social ocupado por esses sujeitos, em uma nação colonizada, tal qual o Brasil, tornam-se relevantes para a pauta de desmantelamento da estrutura da colonialidade entranhada nas periferias do capitalismo, em que um dos pilares é o extermínio desse grupo social, tido reiteradamente ao longo de nossa história como uma ameaça.

Isso posto, mobilizo, no presente artigo, com vistas à interdisciplinaridade e à guisa de notas iniciais, a categoria das masculinidades negras como arcabouço para a análise literária da ficção de autoria negro-brasileira. O problema posto em tela a partir do texto literário é o da perpetuação da desigualdade de gênero e do racismo como procedimento de dominação das condições de produção das subjetividades negras neste cenário. A literatura revela-se, segundo esta perspectiva, um campo fecundo para a análise do tema, porque consegue apreender, no interior de sua forma estética, por meio da técnica literária, nuances dos processos históricos e sociais de que emerge, com as tensões e as contradições implicadas na tentativa de figuração da realidade.

Assim, toma-se como objeto aqui a obra *Dois amores*, de Paulo Lins (2019), com o objetivo de debater o percurso dos jovens negros Lulu e Dudu e caracterizá-lo como uma problematização às sociabilidades a que esses sujeitos estão constantemente expostos na

periferia urbana do Rio de Janeiro. A hipótese é que a sociabilização de Lulu e Dudu opera em um espectro colonial opressivo que os leva à interiorização de ideais de amor, de beleza e de consumo, que são, por sua vez, tensionados pela perspectiva de suas parceiras, Celinha e Soninha. Essa mirada é própria à questão das masculinidades, porque coloca em xeque as relações de poder patriarcal intrínsecas às relações de gênero dentro do grupo social negro.

A escolha por *Dois amores* se deve ao caráter de novidade que representa no conjunto da obra de Paulo Lins. Sua repercussão, ao que parece, ainda está por ser feita. Anteriormente, o autor carioca apresentou, na prosa, dois romances de fôlego, que pretendiam reconstruir momentos significativos da história da população negra no Rio de Janeiro. Desta vez, Lins opta por uma obra de gênero incerto, com elementos do conto e um acento próprio do *slam poetry*, na tentativa de compor um conto de fadas da favela. Em uma proposta de leitura que relaciona o texto de Lins com o conto “Rolézim”, do também carioca Geovani Martins, — e com uma lente teórica que me é cara — Corpas (2022, p. 74) destaca a dimensão realista implicada nesse “refúgio ao imaginário literário que edulcora o presente e o futuro”.

A premissa do enredo deixa de ser histórica e, com isso, se aproxima da produção marginal-periférica, especialmente aquela que se assiste a partir dos anos 2000, da qual o autor não deixa de ser um inspirador. Desse modo, este trabalho espera também contribuir com novas leituras da obra de Paulo Lins, que ficou bastante concentrada em *Cidade de Deus*, acabando por solapar a repercussão dos escritos seguintes e, aparentemente, confinar o escritor a um determinado lugar de autor de best-seller da violência¹.

O olhar se volta, portanto, para a inserção de personagens negros, escritos por um homem negro, no processo social decantado pela obra. No caso do objeto em questão, Lulu e Dudu se movem da periferia, na Baixada Fluminense, para a zona sul do Rio de Janeiro. Neste trânsito, problemas fundamentais para a constituição identitária dos sujeitos negros são dispostos na narrativa, a partir de uma composição que transita pela oralidade e chega a efeitos produtivos para a prosa. Assim, a análise a seguir parte da leitura imanente da obra para compor uma análise da trajetória das personagens e tensionar as escolhas empreendidas por eles sob a ótica da problematização à constituição hegemônica da identidade do homem negro e periférico.

¹ Em trabalhos anteriores (RODRIGUES, 2022a; 2022b), propus-me a analisar a composição de *Cidade de Deus* com vistas a evidenciar como a interrupção do fluxo narrativo põe em evidência momentos de ruptura da lógica da violência e estabelece um ponto de vista tensivo acerca da história da população negra.

2 Das masculinidades e dos homens negros em Dois amores

A obra começa com uma ambientação da cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente da praia, que se constitui não só como uma marca geográfica, mas também como uma arena de tensão entre os diferentes grupos que compõem a população carioca e que se chocam neste espaço de convivência. Seria natural para um conto de fadas que tudo começasse em harmonia, dando os ares de que o que está por vir seria mais uma história com um desenlace apaziguador e moralizante. No entanto, se trata de um conto de fadas da favela, o que reposiciona os elementos clássicos do gênero: “Do lado direito, vinha um sul do oeste, ganhando força enquanto amanhecia, o sol não brotou dentro do mar, a chuva veio rasgando pela praia, misturando-se às nuvens que formaram na serra, o sábado sinistro pintou no rio” (LINS, 2019, p. 06-07).

Note que a chuva aparece como contraponto ao sol, ao calor e, conseqüentemente, à ambiência cultural negro-periférica que emerge das periferias do Rio de Janeiro e se estende para toda a cidade. Como observam Lopes e Facina:

Mar, movimento, mistura são metáforas que dão vida ao sentido poético da cultura negra contemporânea. Fundamental na constituição do mundo moderno ocidental, mas situada com toda violência à sua margem, essa cultura tem origem híbrida nas viagens de antigos navios. Música, dança e estilo são as marcas dessa cultura que desafia as fronteiras dos estados-nação com seus padrões de ética e estética. Disseminação é a forma de sua trajetória. Diaspórico é o estilo de sua identidade, que só pode ser entendida no plural (GILROY, 2001) (LOPES; FACINA, 2012, p. 194).

Na sequência, os protagonistas são apresentados junto do conflito central da narrativa: os tênis coloridos que Lulu e Dudu estabeleceram como pré-condição para o romance com Soninha e Celinha. O tempo chuvoso, inibidor da realidade que será apresentada na obra, é um problema a ser enfrentado. A rua desponta como elemento agregador para o grupo negro que vive nas periferias urbanas e detém fundamental importância para as tradições de matriz africana:

A solução ainda é a rua, mesmo que o ultravioleta não bata direito na veia, nem no desejo que se incendeia no pênis dos meninos. A molecada queria baile funk, comprar tênis pra dançar funk, funk na quadra da escola de samba que rola aos domingos, beijar a boca de Soninha, beijar a boca de Celinha, dançar, segurando na cintura, fazer a dança da bundinha, se esfregar no corpo dela (LINS, 2019, p. 07).

A menção à quadra da escola de samba, local em que ocorre o baile funk, indica, mais uma vez, esse convívio de matrizes, ritmos, gerações e segmentos sociais diferentes. A escola

de samba, para além do ambiente físico, é também um espaço de sociabilidade e de organização para as comunidades, que tensiona outras instituições sociais, sobretudo as estatais, também inseridas no contexto das favelas, porque opera na lógica da afirmação da identidade comunitária. Apesar disso, não está isenta de contradições e de embates. Paulo Lins sabe bem disso. Foi em um bloco carnavalesco que a antropóloga Alba Zaluar realizou parte de sua pesquisa sobre o crime e a criminalidade em Cidade de Deus, publicada sob o título *A máquina e a revolta* (1994). Naquela oportunidade, Zaluar concluiu, por meio de observação participante das reuniões da diretoria do bloco, que havia uma “coexistência de ideias contraditórias” (ZALUAR, 1994, p. 26), o que marca uma estrutura sem modelo definido.

Consequentemente, a aparição dessas entidades torna-se recorrente na obra de Paulo Lins. Em *Cidade de Deus*, o primeiro romance do autor, o carnaval aparece como aglutinador de todo o conjunto habitacional, inclusive entre os criminosos, que passam a cometer assaltos em prol da arrecadação para fazer o carnaval acontecer. Já no segundo romance, *Desde que o samba é samba*, o surgimento do samba e da primeira agremiação carnavalesca, a Deixa Falar, é focado em sua importância histórica e cultural. Agora, em *Dois amores*, embora o espaço da escola de samba pareça apenas uma menção lateral, é possível depreender uma espécie de arco que consolida na obra do autor a afirmação da dimensão social do samba como uma manifestação cultural e política estruturante da vida da periferia urbana do Rio de Janeiro.

Avançando por essa análise, o funk é a moldura para o conflito da narrativa. É em torno dele que as personagens masculinas buscam legitimar-se como dignas de usufruir de prazer, afeto e aceitação social. Esse universo representa para Lulu e Dudu a possibilidade de sobressair-se ao confinamento racial promovido pelas classes dominantes em relação à população da periferia. Historicamente, a lógica colonial de organização da sociedade brasileira trata o problema das desigualdades, do racismo e da pobreza como um caso de polícia, colocando esta parcela da população na condição de ameaça constante ao funcionamento da sociedade.

[...] o jovem favelado é construído no singular como um grande perigoso sujeito. As representações dos grupos hegemônicos não acionam imagens de favelas no plural, mas sim a imagem de uma única entidade totalizante. Como se esses territórios estivessem situados em outra cidade, utilizam um olhar que não enxerga as práticas cotidianas e concretas que por lá circulam. Como se os sujeitos que lá habitam não fossem tão sujeitos, criam um discurso que silencia as vozes locais e delimitam os “territórios favelas” como um espaço genérico do perigo e da barbárie ligada, única e exclusivamente, ao chamado tráfico de drogas. Porém, para a juventude favelada do funk, cada favela tem nome próprio e é significada como um local heterogêneo e de habitação (LOPES; FACINA, 2012, p. 196-197).

Como argumentam Lopes e Facina (2012), no artigo “Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas”, a juventude negra das favelas desfaz o discurso homogeneizante da favela como um espaço único e definido *a priori*. Dentro desse território, as construções são dinâmicas e são constantemente reatualizadas a partir do movimento do corpo social. A cultura do funk converte-se, assim, em um dos sustentáculos da vida cultural carioca e acaba disseminando a presença da periferia por toda a cidade, mesmo que a contragosto para alguns segmentos (LOPES; FACINA, 2012). Neste cenário, o funk está em tensão, disputando narrativas sociais a respeito da população negra e dos territórios habitados por ela:

Mas o funk é contraditório e tira proveito até mesmo dos estereótipos e de tudo aquilo que se acumula como “lixo” e “vulgar” na cultura moderna. Uma breve análise de sua curta existência no Brasil mostra dois aspectos importantes. Primeiro, o funk evidencia como a juventude negra e favelada reinventa-se criativamente com os escassos recursos disponíveis, subvertendo, muitas vezes, as representações que insistem em situá-la como baixa e perigosa. Além disso, a crítica ao funk escancara a maneira pela qual a sociedade brasileira renova seu racismo e preconceito de classe camuflados pela retórica do “bom gosto estético” (LOPES; FACINA, 2012, p. 195).

O universo do funk é um campo expressivo de embates e conjunções no que se refere às relações de gênero, raça, classe, geração, entre outros marcadores sociais. A Antropologia brasileira contemporânea tem aberto espaço para discutir a constituição identitária de homens negros nos espaços sociais nos quais interagem e observado a complexidade relações estabelecidas por esses sujeitos (SOUZA, 2010, 2014, 2015; PINHO, 2014, 2018, 2019; CERQUEIRA; PINHO, 2020). No caso deste artigo, a tentativa é deslocar este aparato teórico-metodológico disponível até o momento para a área dos estudos literários, de modo a problematizar a figuração de homens negros em obras da literatura negro-brasileira (CUTI, 2010) da atualidade, sobretudo as que se ambientam e se originam da periferia, como é o caso de *Dois amores*.

Voltando à cena que introduz o conflito central da narrativa, com a moldura do funk, há uma importante marcação de gênero. O pênis dos meninos aparece como elemento definidor da sensação de desejo que ambos sentiam, tanto de diversão como sexual, por Celinha e Soninha. Por essa evidência, seria possível afirmar, à primeira vista, que a representação de Lulu e Dudu opera dentro de padrões hegemônicos de masculinidade. A esse respeito, Deivison Faustino afirma:

[...] os padrões hegemônicos de masculinidade apresentam cobranças e expectativas de gênero que, se por um lado possibilitam o exercício de poder sobre as mulheres — bem como sobre outros homens na intersecção com outras contradições sociais e opressões —, também alienam os homens de sua própria humanidade, fechando-os para tudo o que for arbitrariamente eleito como próprio do universo feminino, empobrecendo drasticamente a sua socialização (FAUSTINO, 2014, p. 77).

Nesta lógica, a esfera do desejo, para os homens, ficaria confinada a uma mera satisfação instintiva. No entanto, a opção do narrador pela palavra *pênis*, e não por outros termos considerados vulgares para referir-se ao órgão sexual masculino, esteticamente, aponta para uma tentativa de conexão do pênis com o corpo como um todo e não apenas como uma marca de virilidade e de força sobrehumana. Esse expediente é próprio ao jogo poético proposto na narrativa. A figuração de Lulu e Dudu, com isso, se não contraria, pelo menos tenta destoar do conjunto de representações coloniais acerca da corporeidade do homem negro:

Tende-se a esperar que o negro seja sempre *superdotado* de habilidades corporais diversas como dança, futebol, força física e outras atividades relacionadas à virilidade típica dos criados supermasculinos. Dificilmente, quando queremos eleger atributos positivos aos negros ou aos africanos, conseguimos ultrapassar essas prerrogativas racializadas criadas pela sociedade colonial (FAUSTINO, 2014, p. 81).

As representações do homem negro, especialmente no universo dos bailes funks cariocas, são abordadas por Mylene Mizrahi no artigo “‘O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos’: mulheres, masculinidades e dinheiro junto ao funk carioca” (2018). A autora apresenta uma etnografia da rede de relações que compunha o cantor Mr. Catra e tenta, a partir desse entremeio, desvendar os processos que forjam as masculinidades na cidade. Mizrahi (2018), além de suas observações, analisa algumas letras de funk e constata uma relação entre o poderio financeiro, representado por joias, bebidas alcoólicas e notas de dinheiro, e a potência sexual:

Dessa perspectiva, se a roupa justa e o corpo em evidência expressam a potência do feminino, o poder do masculino — que segundo Mr. Catra reside na “piroca”, no seu órgão sexual — é potencializado pelo poder financeiro, que por sua vez é objetificado pelas notas de dinheiro e por outros objetos dos quais se cercam, neles incluídas as mulheres. As mulheres, em acordo com essa lógica, não querem apenas o dinheiro, mas a potência que ele encarna, inclusive a potência sexual (MIZRAHI, 2018, p. 172).

A atenção da autora se volta especialmente para a representação de homens da geração de Mr. Catra, que carregam consigo um tipo de masculinidade exemplar associada a homens

mais velhos. Se tomamos esse dado em oposição aos personagens de Paulo Lins, vemos que os irmãos estão situados em uma espécie de base da pirâmide etária e social dos homens negros da favela, já que são jovens e não detêm poder em nenhuma escala. A marca de ambos é a pobreza e a ânsia por aceitação. Daí decorre a necessidade de garantir pares de tênis como único mecanismo de assegurar-lhes a passabilidade naquele ambiente, permeado justamente pela combinação dos poderes financeiro e sexual.

Têm que estar bonitos, têm que estar na frequência da onda, pra dançar conforme a música, e têm que ter tênis, *tênis que foi feito colorido, o publicitário foi lá e bolou, a TV veiculou, o Diabo abençoou e colou*. Fica mais bonito quem usa tênis caro pra dançar funk, só beija na boca se estiver bonito, só é bonito quem tem tênis da onda pra dançar. Só dança funk quem beija na boca. Só beija na boca quem pode. Vender amendoim no trem pra comprar tênis caro, pedir esmola e vender doce na porta do cinema de filme candidato ao Oscar, depois, na calçada do teatro pra ir ao baile impressionar Soninha e Celinha, não almoçar, nem lanche para juntar dinheiro do tênis, chupar só as balas que não foram vendidas como se fossem as três refeições do dia (LINS, 2019, p. 07-08, grifos meus).

O narrador encontra-se próximo a Lulu e Dudu. Desta forma, ele estabelece um fluxo narrativo que se entrelaça com as percepções dos meninos a respeito do que seja o baile funk e o seu código de conduta estabelecido. No entanto, há interposições que demarcam alguma posição de diferenciação: a voz narrativa entende os meandros de criação do desejo de consumo introjetado naqueles jovens. Ao destacar o trabalho da publicidade e o uso da televisão, como um recurso de incitação ao consumo, o narrador aciona a sua especificidade em relação às personagens narradas. Salta aos olhos a simetria entre consumo, beleza e felicidade que se estabelece na narração. A lógica instituída esboça o que Faustino (2014) trata como “reificação racializada”, que consiste em um processo de fetichização dos referenciais que o sujeito negro comumente dispõe para agenciar a sua identificação:

Do Mano Brown ao Kid Bengala, do Mussum ao Fernandinho Beira-Mar, a resposta ao estereótipo não poderia ter outro ponto de partida que não a própria reificação racializada e, neste sentido, a afirmação da masculinidade. Muitas vezes sem a força necessária (ou mesmo a pretensão) para desarticular todo o esquema, limita-se a repeti-lo. Em primeiro lugar, é a partir deste referencial fetichizado que o criado supermasculino esboçará sua agência [...] O homem negro deve ser “macho ao quadrado” em todas as situações exigidas, e só a partir destes atributos será reconhecido (FAUSTINO, 2014, p. 90-91).

A vinculação da relação amorosa ao tênis de alto valor parece, a meu ver, marca desta reificação. Um dos atributos estabelecidos para o reconhecimento no universo de Dudu e Lulu é adquirir uma peça cara, de modo a ressaltar a sua condição como sujeito elegível de

admiração, paixão, amor etc. Nota-se, com isso, o plano traçado pela dupla para alcançar o seu objetivo, que acaba por reafirmar padrões de masculinidade hegemônica. Olhando de fora, parece irrealizável obter o dinheiro necessário para a aquisição dos pares de tênis com pedidos de esmolas e venda de alguns doces. Só que há um determinante no estratagema: os irmãos têm como alvo uma parte da cidade que se contrapõe à realidade da favela. Onde há cinemas e teatros, há também circulação de pessoas das classes médias e altas, o que significa maior acesso aos bens de consumo e maiores possibilidades de arrecadação. Quando Lulu e Dudu decidem ir para fora da favela, o leitor passa a acompanhar a cidade cindida.

Foram a pé da Central à porta da Estação Botafogo para vender doce para a turma que gosta dos filmes de Tarantino, Spike Lee, Claudio Assis, Beto Brant, Lírío Ferreira e Almodóvar. Eles gostam de Mentex, fazem pilates, roupinha discreta, alguns vão à academia, são limpinhos, passam filtro solar, hidratantes, já leram Leminski, comem orgânicos, muitos não comem carne vermelha, todo mundo dá um-dois. Gente legal. Se eles não quiserem bala com muito açúcar, pede esmola que dão, só uma moedinha, é só dizer que é pra remédio; esconder a sede de beijo, de dança de funk, de ficar bonito, entocar a fome de tênis, a vontade de zoar; ocultar aquela ânsia de ser feliz para sempre (LINS, 2019, p. 11-12).

O narrador, novamente, marca sua especificidade, como uma voz conhecedora dos grandes diretores do cinema nacional e internacional. Junto disso, aparece uma ironia fina acerca dos hábitos das classes médias com maior poder aquisitivo, que oscila entre a perspectiva dos meninos e do narrador. Esse quadro aponta para dois problemas fundamentais para a vida das populações negras nas periferias urbanas brasileiras: o acesso à renda, ao mercado de trabalho, aos bens culturais, à saúde e à segurança alimentar.

Ainda na mesma cena, ao mesmo tempo em que se arma a questão das desigualdades, há uma problematização, quando mencionado o pedido de esmola e o que é necessário fazer para convencer alguém a oferecer dinheiro, acerca de certo paternalismo que embasaria a visão de parcelas das classes médias a respeito da população periférica. A visão dominante é individualizada e seletiva, de modo que os mecanismos de exclusão e de reprodução do sistema de desigualdades permaneçam inalterados ou somente se movam a partir de concessões daquele grupo detentor do poder.

Na sequência da saga de Lulu e Dudu pelos tão esperados tênis coloridos da Nike e pelos beijos de Celinha e Soninha, os irmãos se veem diante do poderio bélico que os ameaça constantemente por diferentes frentes: as forças de segurança, públicas e privadas, e o poder paralelo do comércio varejista de drogas ilícitas e das milícias.

Só que tem polícia, a guarda municipal, os donos do ponto, a máfia de rua, o dono da área, não podem entrar no cinema dos shoppings, não podem pedir esmola na saída das lojas, o português coloca pra correr, a segurança já sabe que não pode ficar ali. Queriam ter grana, parece que rico já nasce de tênis caro pra não sofrer (LINS, 2019, p. 12).

O caminho dos dois é atravessado por policiais corruptos que tentam obter vantagens sobre os meninos pobres. Os protagonistas estavam no bairro de Copacabana, já havia passado do horário do trem para voltarem a Queimados, na Baixada Fluminense. Decidiram, então, dormir em uma praça até o dia seguinte. Os policiais abordaram os rapazes, os identificaram como vítimas vulneráveis e propuseram a alguns “playboys ali da área mesmo” (LINS, 2012, p. 23) tomar o dinheiro ganho pelos funkeiros ao longo do dia. Lulu e Dudu estavam expostos à violência com ainda mais intensidade. Precisaram de uma dose de astúcia para se salvar da ameaça, e foram parar no morro do Tabajara, comandado por Marçal Akino. Até que conseguissem explicar suas peripécias ao chefe do morro, foram mais alguns momentos de perigo.

De um modo que beira o cômico, a narrativa aborda a questão da convivência dos jovens negros e pobres com a violência. Em três momentos, Lulu e Dudu tornam-se vulneráveis e suscetíveis a agressões. Esse convívio com a violência e com o perigo iminente de aniquilação molda a constituição desses sujeitos, que são vistos como ameaça constante e, conseqüentemente, agem de modo a responder a este ataque e a afirmar a sua humanidade. Como vim debatendo até aqui, a condição alienante imposta pelo sistema colonial gera um corte no processo de subjetivação dos indivíduos colonizados. As respostas, fatalmente, operam dentro de um espectro que não se sobressai ao pensamento colonizado.

Penso, assim, junto com Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* (2008). Fanon é referência fundamental para a discussão sobre as masculinidades negras que tem sido produzida por intelectuais negros no Brasil. Na referida obra, o filósofo e psiquiatra martinicano observa os efeitos do colonialismo, por meio de uma análise psicossocial, que levam ao estabelecimento de um complexo de inferioridade por parte dos colonizados.

Indo em direção ao fechamento, chego ao desfecho do conto de fadas da favela. Depois de provar a Marçal que não estavam ali em uma tentativa de invadir os domínios do morro do Tabajara, Lulu e Dudu foram agraciados com os sonhados tênis coloridos da Nike. Imediatamente foram para a quadra da escola de samba consumir o seu desejo de beijar na boca e de se sentirem aceitos em meio a um universo em que a sociabilidade hegemônica baseia-se na potência sexual somada ao poder financeiro, como já apresentei aqui.

Após muito beijar na boca, Lulu e Dudu acompanharam as irmãs Soninha e Celinha até sua casa. Entre conversas juvenis, irrompe entre eles a questão dos tênis coloridos usados pela dupla de garotos.

Beijaram, beijaram, beijaram. Até que Lulu começou a falar de música, do teatrinho da associação de moradores e, por fim, não parou de falar de esportes, é que as olimpíadas escolares iriam começar. Tudo ia bem até que o papo entrou pelo uniforme do time de handebol, do futsal. Nosso tênis tá garantido, né, Lulu? As duas se olharam até que Celinha falou: só quem usa esse tipo de tênis é playboy, polícia e bandido. Celinha completou: quando sair com a gente não vem mais com esse tênis, não, a gente acha muito espalhafatoso. Daquele dia em diante, não se encontraram mais de tênis Nike, era só calçado baratinho (LINS, 2019, p. 47).

Há uma marcação de raça e de classe importante a ser considerada. Ao elencar os perfis que usam os tênis calçados por Dudu e Lulu, as irmãs enunciam vigorosamente a problemática do desejo de consumo colocado aos jovens negros e de uma noção de beleza associada ao poderio econômico, no caso dos playboys, bélico, no caso da polícia, ou a ambos, no caso dos bandidos. Com o comentário de Celinha, endossado por Soninha, todas as peripécias enfrentadas pelos garotos sofrem um revés: aquilo que os irmãos consideravam fundamental para a realização de seu desejo, na verdade, era manifestação de uma representação hegemônica a respeito do que seja amor, desejo e beleza. Para as irmãs, era importante que eles se diferenciasssem de outros homens com os quais elas não tinham interesse em se relacionar.

O fato dessa problematização ter sido lançada por duas jovens negras é igualmente significativo para a análise. É consenso que o movimento de mulheres negras contribuiu fundamentalmente para uma virada na compreensão do que sejam as masculinidades negras. A esse respeito, é relevante o alerta que faz Osmundo Pinho (2004) a respeito de uma noção de classe média sobre as masculinidades, contida na ideia de crise do masculino. Retira-se o homem negro de sua posição de classe e trata-se a questão das opressões de gêneros de um ponto de vista psicologizante que, no fim das contas, naturaliza a violência histórica cometida contra as mulheres e agora apenas tenta adequar-se ao movimento emancipatório desse grupo social. O autor assinala que, na contramão dessa compreensão liberal da questão das masculinidades, há uma outra crise do masculino que atinge os homens negros há muito:

[...] é também verdade que existe outra crise do masculino, que tem uma duração mais longa e que está fundamentalmente definida pela relação das posições de gênero com a estrutura das classes, o racismo, a violência e aspectos brutalizantes e alienadores do mercado. Essa crise do masculino atinge, desde muito tempo, homens negros, jovens e pobres e está claramente definida pelo viés de gênero presente nos números

da violência urbana e suas cifras apocalípticas (PINHO, 2004, p. 68).

Os movimentos de mulheres negras carregam nas suas pautas especial preocupação com o genocídio da população negra em curso, que assola especialmente os jovens negros nas periferias urbanas. São mães, avós, tias, irmãs, companheiras e amigas que diariamente convivem com o risco permanente de perder um dos homens negros que compõem a sua rede de afetos. Esse movimento de denúncia da violência direcionada aos homens negros vem acompanhado de uma crítica radical à posição que os mesmos homens negros ocupam na estrutura de poder sobre as mulheres. Como destaca Mara Viveros Vigoya,

É necessário, então, analisar, simultaneamente, os efeitos objetivos e subjetivos da posição dominante dos homens sobre as mulheres e as consequências nefastas para certos homens das exigências da masculinidade (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 16).

Ainda na perspectiva dessa autora, há um risco de se criar a falsa assimetria entre os estudos feministas e das masculinidades, de modo que se apague a violência de gênero implicada nessa relação. Também Viveros Vigoya (2018) aponta para a necessidade de se observar as consequências sociais dessas relações de gênero. A grande contribuição, então, da teoria crítica feminista é a redefinição da categoria de gênero e a observação do homem também como um artefato dessas estruturas (PINHO, 2004).

3 Reflexões contínuas

O presente artigo objetivou analisar, na perspectiva dos debates sobre masculinidades negras, as trajetórias das personagens masculinas de *Dois amores*, do autor carioca Paulo Lins (2019). A hipótese com que trabalhei ao longo do texto considera que a sociabilização dos protagonistas Lulu e Dudu insere-se em práticas hegemônicas da masculinidade, que os levou à interiorização de ideais de amor, de beleza e de consumo, que são, por sua vez, tensionados pela perspectiva de suas parceiras, Celinha e Soninha, duas jovens negras, igualmente inseridas no cenário da periferia do Rio de Janeiro. Encontra-se relevância para este estudo à medida em que se desenvolvem os estudos contemporâneos, na intersecção entre diversas áreas de estudo, tais como a Antropologia, a Saúde, a Sociologia, entre outras, sobre a formação da identidade dos homens negros frente às estruturas patriarcais de reprodução das violências de gênero.

Pelo que se pode perceber até o momento, a produção intelectual de outros homens

negros acerca do tema das masculinidades, sobretudo a partir das Ciências Sociais, demonstra a produtividade do estudo das masculinidades negras, colocando em discussão os atravessamentos de classe, raça, sexualidade, geração, entre outros. É impraticável, nesse caso, promover uma leitura comprometida das relações estabelecidas por homens negros em diferentes segmentos da vida social de maneira isolada, retirando-os dos seus contextos de atuação e de suas redes tecidas a partir de contradições e problemáticas latentes para a compreensão do processo histórico, econômico, social e político vivido.

Pensando nas masculinidades e do ponto de vista da autoria negra masculina, é lícito cobrar das produções literárias de nosso tempo, como um projeto consciente de autores e autoras, editoras e crítica literária, que passem a debater com seriedade como são figuradas as relações de gênero. Como os autores homens representam as mulheres negras em suas obras? Que lugares elas ocupam? Como seus homens negros se inserem dentro da estrutura patriarcal? São questões latentes que urgem serem pensadas, e o debate das masculinidades negras pode, nesse sentido, contribuir para um amplo processo de redefinição das matrizes ideológicas de figuração da população negra nos cenários cultural e social do Brasil contemporâneo.

Especialmente sobre a trajetória de Lulu e Dudu, as personagens por pouco não perderam a oportunidade de afeto por estarem confinadas a um padrão externo. A interiorização de lógicas patriarcais expôs Lulu e Dudu, de modo incontornável, ao perigo real do genocídio da população negra brasileira. Os efeitos das representações estereotipadas e dos padrões de masculinidade podem causar não só sofrimento psíquico como levar à morte. Por tratar-se de uma tentativa de conto de fadas, o desfecho promove uma dissolução do conflito que foi composto ao longo de toda a narrativa, flertando com o humor e carregado de um ar pueril, incapaz de apresentar um final menos feliz.

Coube às parceiras de Lulu e Dudu, duas jovens negras, chamar a atenção para um fato que havia permanecido encoberto ao longo de toda a saga pelos tênis coloridos da Nike. A presença das mulheres negras para o debate das masculinidades é essencial para que seja possível tensionar não só a violência contra os homens negros, construídos historicamente como ameaça à sociedade, como também olhar para a violência de gênero que mantém suas estruturas.

Ao longo de todo o texto, tratei *masculinidade* no plural. Esse uso é sintomático da tentativa, presente nos estudos aqui referenciados, de entender a formação da identidade do homem negro como algo múltiplo, com inúmeros atravessamentos, que não deve significar um novo confinamento. Assim, a tarefa consiste em pensar as possibilidades de formação do homem negro a partir de uma gama de experiências. Osmundo Pinho (2004), sobre esse aspecto,

convoca para uma politização das masculinidades, a fim de promover a figura do homem negro a um sujeito de direitos, tais como o direito à sexualidade, à paternidade, à prevenção de doenças etc.

O caminho das masculinidades está aberto e em expansão. Há um limite evidente neste texto, cuja discussão segue em construção, bem como incorporando reflexões, sobretudo de feministas negras brasileiras, que trazem um olhar acurado acerca da realidade brasileira. O desafio fundamental consiste em não essencializar o debate e transformá-lo em uma pauta cosmética, com a finalidade de reafirmar identidades patriarcais comprometidas com a supremacia branca, o que inclui a manutenção do racismo insuportável que vivemos, das violências e das assimetrias de gênero e das desigualdades de classe. Em termos de crítica literária, cabe acompanhar como esse movimento do corpo social introduz novas vozes e novos modos de figuração na cena das produções contemporâneas, bem como redefine as leituras de obras de períodos anteriores da nossa literatura.

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, Júlio; PINHO, Osmundo. Situando os estudos das masculinidades negras no Recôncavo da Bahia. In: FERREIRA, Maria Inês C.; MAIA, Suzana M.; WEISHEIMER, Nilson (Orgs.). *Estudos em identidades, desigualdades e desenvolvimento*. Cruz das Almas/BA: Editora UFRB, 2020, p. 47-73.

CORPAS, Danielle. Meninos do Rio. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 35, n. 27, p. 66-74, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/203239>. Acesso em: 30 mai. 2023.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75-104.

LINS, Paulo. *Dois amores*. São Paulo: Nós, 2019.

LOPES, Adriana Carvalho; FACINA, Adriana. Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 193-206, 2012. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/cidade-do-funk-expressoes-da-diaspora-negra-nas-favelas-carioca/>. Acesso em: 09 out. 2021.

Organon, Porto Alegre, v. 38, n. 75, jan/julho. 2023.

DOI: 10.22456/2238-8915.129732

MIZRAHI, Mylene. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidades e dinheiro junto ao funk carioca. *Cadernos Pagu*, Campinas/SP, n. 52, p. 150-193, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8652641>. Acesso em: 11 out. 2021.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? *Democracia Viva*, n. 22, p. 64-69, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/1420907/Qual_%C3%A9_a_identidade_do_homem_negro. Acesso em: 12 out. 2021.

PINHO, Osmundo. “Botando a base”: corpo racializado e performance da masculinidade no pagode baiano. *Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais*, João Pessoa, n. 47, p. 39-56, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/36662>. Acesso em: 09 out. 2021.

PINHO, Osmundo. O corpo do homem negro e a guerra dos sexos no Brasil. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de. *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. 1. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 105-130.

PINHO, Osmundo. Um enigma masculino: interrogando a masculinidade da desigualdade racial no Brasil. *Universitas Humanística*, Bogotá/COL, n. 77, p. 227-250, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48072014000100010. Acesso em: 09 out. 2020.

RODRIGUES, Thiago Martins. Os contornos da forma de *Cidade de Deus*: a dicção negro-periférica. *Brasil/Brazil*, Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 104-125, 2022a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/brasilbrazil/article/view/126241>. Acesso em: 29 mai. 2023.

RODRIGUES, Thiago Martins. *História (re)escrita em Paulo Lins*: narrativas do negro no Rio de Janeiro do século XX. 2022b. 103f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2022.

SOUZA, Rolf Malungo de. *O lazer agonístico*: como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano. 2010. 191 f. Tese (Doutorado em Antropologia) — Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Niterói/RJ, 2010.

SOUZA, Rolf Malungo de. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, Niterói, n. 34, p. 35-52, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41516/23636>. Acesso em: 11 out. 2021.

SOUZA, Rolf Malungo de. Os significados da masculinidade de um bar de proximidade no Subúrbio Carioca. In: SOUZA, Rolf Malungo de (Org.). *Coletânea Diversa Diversidades*. 1. Ed. Niterói/RJ: UFF/Cead, 2015, p. 109-116.

Organon, Porto Alegre, v. 38, n. 75, jan/julho. 2023.

DOI: 10.22456/2238-8915.129732

VIVEROS VIGOYA, Mara. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Tradução de Alysson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Artigo submetido em: 30 jan. 2023

Aceito para publicação em: 09 jun. 2023

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.129732>